

Ações de Prevenção de Zoonoses Desenvolvidas nas Aldeias Indígenas do Município de São Paulo

Autores: Germano, S.; Bernardi, F.; Rossi, G.H.N.; Stephano, M.A.; Domenici, R.D. et al

Instituição: Prefeitura de São Paulo
Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo



INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Na década de 1980, a capital paulista, tinha três áreas de ocupação: as Terras Indígenas Guarani da Barragem/Tenondé Porã e do Krukutu, em Parelheiros, zona sul e a Terra Indígena Jaraguá, zona norte.

Em 2012 foi reconhecida a Terra Indígena Tenondé Porã, com 15.969 ha, que abrange as aldeias de Guarani da Barragem/Tenondé Porã e do Krukutu e em 2013, os reais limites da ocupação da Terra Indígena Jaraguá, Pico do Jaraguá, com cerca de 532 ha abrangendo as aldeias Tekoa Pyau e Tekoa Ytu.

Em 2015 o povo Guarani ocupa mais três aldeias, a Guyrapaju e a Kalipau, no distrito de Parelheiros, e a aldeia Tekoa Ytakupe/Sol Nascente, no distrito do Jaraguá.

Pelo censo de 2016, o total de habitantes das aldeias no município é de 1916 pessoas, sendo a Tenondé a mais populosa (120 famílias; 850 habitantes), seguida das aldeias Tekoa Pyau e Tekoa Ytu (161 famílias; 666 habitantes), Krukutu (40 famílias; 200 habitantes), Kalipau (20 famílias; 120 habitantes) e Guyrapaju (20 famílias; 80 habitantes).

As regiões são caracterizadas por mata secundária, córregos poluídos e represa, acúmulo de inservíveis, casas de alvenaria, madeira ou pau a pique, presença de animais domésticos e sinantrópicos.

Esses locais são alvo de abandono de cães e gatos pela receptividade dos índios em acolhê-los, o que gera agravos e transmissão de zoonoses às populações indígenas, pela origem e condição sanitária desconhecida. Há ainda criação de suínos por algumas famílias.

A ação do CCZ nas aldeias iniciou-se em 2010, a partir de denúncias de maus tratos, abandono e excesso de animais na Aldeia do Jaraguá, que em conjunto com a Coordenação da Atenção Básica da Saúde da População Indígena, STS/Pirituba-Perus, SUVIS Pirituba, UBS e PAVS local, lideranças indígenas, SME/CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) e Projeto Xingu, realizou reuniões e visitas para diagnóstico da situação e planejamento de ações.

OBJETIVOS

Dada a complexidade dos problemas com animais nas aldeias indígenas SAE - Setor de Ações Especiais, (SVCAD) do CCZ/SP, desde 2010 vem atuando objetivando a redução de agravos à saúde da comunidade indígena, dos cães e gatos, bem como mitigar danos ambientais.

METODOLOGIA

Socialização das informações junto ao povo guarani sobre as atividades a serem realizadas; Capacitação dos professores das escolas que atendem as aldeias sobre "Posse Responsável de Animais de Estimação" e "Medidas preventivas de Animais Sinantrópicos"; Orientação nas UBS da necessidade de notificação dos casos de mordedura por cães ou gatos; Censo da população de cães e gatos e identificação por transponder; Esterilização cirúrgica dos animais; Vacinação contra a raiva e doenças espécie-específicas de cães e gatos; Tratamento de ecto e endoparasitas nos animais; Pesquisa de helmintos no solo, de importância em saúde pública; Coleta de amostras para diagnóstico laboratorial e vigilância de zoonoses.

RESULTADOS

Entre 2010 e 2015 foram assistidos 2.696 animais, realizadas 1.556 esterilizações cirúrgicas e 7.893 vacinações contra a raiva e espécie-específicas nas cinco aldeias.

Nenhum dos diagnósticos laboratoriais para Febre Maculosa Brasileira e Leishmaniose foi reagente nos animais testados, no entanto foi encontrado carrapato *Amblyomma aureolatum* em um

cão da aldeia do Jaraguá e ovos de *Ancylostoma spp.*, *Ascaris lumbricoides*, *Toxocara spp.* e *Trichuris vulpis* em amostras de terra. Aproximadamente 50% dos cães das aldeias eram acometidos por doenças como demodicose, escabiose, cinomose, miíase e tungíase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados sorológicos negativos para Febre Maculosa Brasileira e Leishmaniose demonstram a não circulação dos agentes etiológicos. Entretanto, a presença de ovos de alguns parasitas aponta risco de transmissão zoonótica, sendo necessária a desverminação periódica dos animais, visando à diminuição da contaminação do solo e a saúde das populações humana e animal.

Os indígenas foram orientados a realizar revolvimento periódico do solo e deslocamento do mesmo para áreas mais ensolaradas inviabilizando os ovos dos parasitas e recolhimento das fezes encontradas no solo. Orientado aos professores que informem a população da necessidade de uso constante de calçados e o reforçassem os conceitos de higiene para as crianças.

Recomendou-se aos habitantes que extinguissem a criação de suínos.

Para coibir o abandono de cães e gatos solicitou-se às Subprefeituras dos territórios a confecção de placas sobre crime de abandono e maus tratos aos animais.

Para a redução de sinantrópicos, foi solicitada a colocação de novas lixeiras e organizados mutirões de limpeza na Aldeia Jaraguá. Atualmente, a própria comunidade se organiza na coleta e destinação adequada dos inservíveis.

Solicitado à Subprefeitura Pirituba e CET, a colocação de lombadas, na Estrada Turística do Jaraguá, às entradas da aldeia, para melhorar a segurança e reduzir o atropelamento de pessoas e animais.

O contato com a cultura guarani possibilitou uma revisão conceitual e construção de abordagem diferenciada nas ações desenvolvidas. A comunidade, que a princípio demonstrava resistência às ações propostas, entendeu a importância do controle das doenças e da população de animais e tornou-se parceira solicitando ativamente os serviços.

A presença de animais com demodicose, escabiose, cinomose, miíase e tungíase, diminuiu e, conseqüentemente, a tungíase humana também.

A criação de suínos por algumas famílias foi extinta, reduzindo os riscos à saúde.

As ações de esterilização, vacinação e desverminação, têm colaborado para a melhoria do estado sanitário dos animais, bem como da população das aldeias. O aumento da longevidade da população canina tem diminuído a reposição e introdução de novos animais.

Agradecimentos aos agentes de Saúde/Endemias de SAE, ao povo Guarani, servidores do CCZ e da SUVIS que tem auxiliado nas ações nas aldeias.



Figura 1: Equipe em ação na aldeia Kalipau, Parelheiros.

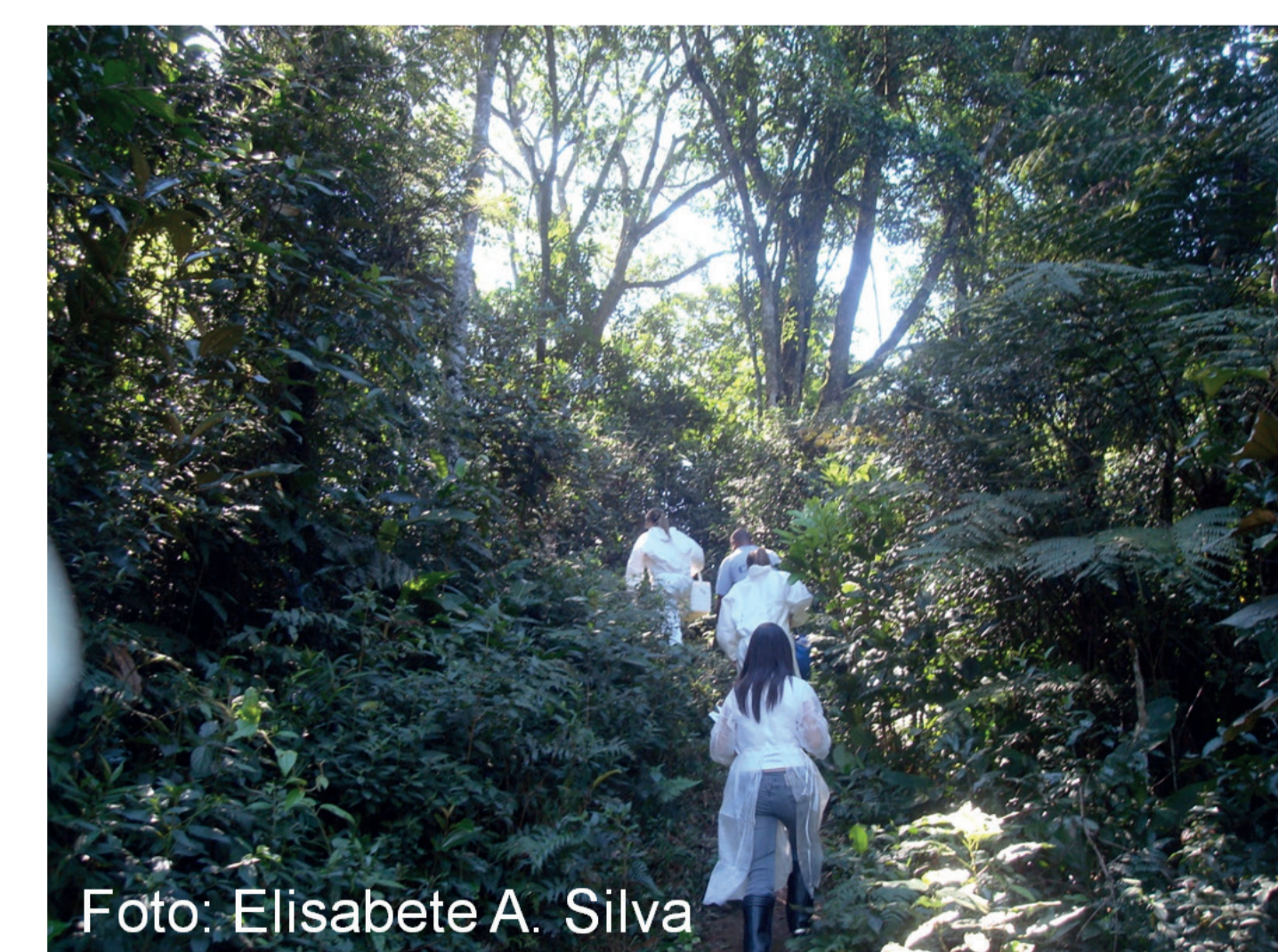


Figura 2: Dificuldade de acesso às famílias da Aldeia Krukutu, Parelheiros.